|  |  |
| --- | --- |
| 1340_38_imagem |  |

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE ALAGOAS**

**CENTRO DE EDUCAÇÃO**

**CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM MÍDIAS NA EDUCAÇÃO**

ANTONIO CARLOS DE OLIVEIRA

DAYANE ARRUDA DOS SANTOS

**O TABLET COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA MUNICIPAL MANOEL COTIAS DE JESUS**

**EM JEQUIÁ DA PRAIA, ALAGOAS**

Maceió

2016

ANTONIO CARLOS DE OLIVEIRA

DAYANE ARRUDA DOS SANTOS

**O TABLET COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA MUNICIPAL MANOEL COTIAS DE JESUS EM JEQUIÁ DA PRAIA**

Artigo científico apresentado como exigência parcial para a conclusão do Curso de Especialização em Mídias na Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas.

Orientadora: Profa. Dra. Nadja Naira Aguiar Ribeiro

Maceió

2016

ANTONIO CARLOS DE OLIVEIRA

DAYANE ARRUDA DOS SANTOS

**O TABLET COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA MUNICIPAL MANOEL COTIAS DE JESUS EM JEQUIÁ DA PRAIA**

Artigo científico apresentado como exigência parcial para a conclusão do Curso de Especialização em Mídias na Educação do Centro de Educação da Universidade Federal de Alagoas.

Artigo Científico defendido e aprovado em \_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_/\_\_\_\_\_\_\_.

Orientadora: Profa. Dra. Nadja Naira Aguiar Ribeiro

**BANCA EXAMINADORA**

Examinador (a) 1

Examinador (a) 2

Maceió

2016

**O TABLET COMO RECURSO PEDAGÓGICO NO PROCESSO DE ALFABETIZAÇÃO NA ESCOLA MUNICIPAL MANOEL COTIAS DE JESUS EM JEQUIÁ DA PRAIA**

Antonio Carlos de Oliveira (UFAL)

antoniohist@vivointernetdiscada.com.br

Dayane Arruda dos Santos

Dayanearruda22@hotmail.com

**RESUMO:**

Este artigo objetiva refletir sobre o uso do *tablet* como recurso pedagógico no processo de alfabetização na Escola Municipal Manoel Cotias de Jesus em Jequiá da Praia. Para tanto, realizou-se uma pesquisa de abordagem qualitativa, através de observações numa turma do 1º ano do Ensino Fundamental e do registro das interações ocorridas com esse material tecnológico em sala de aula. Além disso, compôs o *corp*us dessa pesquisa as entrevistas feitas com os alunos, com a professora e com a equipe gestora da escola. Esse acompanhamento se efetuou na escola no início do segundo semestre de 2015, quando a Secretaria Municipal de Educação de Jequiá da Praia implantou o projeto de inclusão de *tablet* nas salas de aula, visando contribuir com o aprendizado dos alunos. Nesse sentido, acompanhamos o projeto durante todo o semestre. As análises dos dados indiciam que a utilização dessa ferramenta em sala de aula pode contribuir não só para o aspecto pedagógico da alfabetização como também para uma formação do aluno frente às novas tecnologias. Teóricos como Moura (2009); Paulo Freire (2000);Papert (1994) e Kensky (2007) sustentam o embasamento sobre a importância do uso das tecnologias educacionais no ambiente escolar. Pode-se então concluir que o uso dos *tablet* na sala de aula constitui-se como um instrumento aliado dos professores e dos alunos, sobretudo quando se trata de alfabetizar e letrar os estudantes de forma inovadora e significativa para o mundo atual.

**PALAVRAS CHAVE:** T*ablet*. Recurso Pedagógico. Alfabetização. Escola Pública. Tecnologia.

1 INTRODUÇÃO

*É desvelando o que fazemos desta ou daquela forma, à luz de conhecimento que a ciência e a filosofia oferecem hoje, que nos corrigimos e nos aperfeiçoamos. É a isso que chamo pensar a prática e é pensando a prática que aprendo a pensar e a praticar melhor. E quanto mais penso e atuo assim, mais me convenço, por exemplo, de que é impossível ensinarmos conteúdos sem saber como pensam os alunos no seu contexto real, na sua cotidianeidade. Sem saber o que eles sabem independentemente da escola para que os ajudemos a saber melhor o que já sabem, de um lado e, de outro, para, a partir daí, ensinar-lhes o que ainda não sabem(Paulo Freire, 1998)*.

As novas tecnologias de informação e comunicação apresentam-se nas diferentes áreas da atividade humana de forma intensa, provocando impactos significativos na vida das pessoas, seja na facilidade da comunicação e na viabilização da informação, seja na produção de conhecimentos. Certamente, isso possibilita o estabelecimento de novas formas de relações e desafios interessantes para diferentes gerações. Os próprios professores, inclusive, não deixam de ser também desafiados. Eles precisam sair de sua zona de conforto e se lançarem a novas formas de ensinar. Como diz Penteado (1999),

[...] em geral, o professor enfrenta os desafios impostos pela profissão e busca criar alternativas, porém a introdução do computador na escola altera os padrões nos quais ele usualmente desenvolve sua prática. São alterações no âmbito das emoções, das relações e condições de trabalho, da dinâmica da aula, da reorganização do currículo, entre outras (op. cit., p. 298).

Nesse sentido, é importante compreender como a inclusão digital faz parte do cotidiano das pessoas na sociedade atual. Tais imperativos do mundo atual aguçaram ainda mais nossa curiosidade epistemológica, especialmente quando se trata de refletir sobre o uso do *tablet* como recurso pedagógico no processo de alfabetização de crianças da rede pública de ensino, que se encontram na faixa etária de seis anos de idade.

Inicialmente, o tema nos proporcionou uma série de questionamentos tais como: quais os desafios da escola com o uso do *tablet*? Ele pode ser um instrumento motivador da aprendizagem? Seu uso pode favorecer outros aprendizados na 1a série do Ensino Fundamental? Como ocorre a formação da autonomia do aluno através dessa ferramenta? Como este instrumento pode ser incluído na rotina de uma prática pedagógica de alfabetização? Essas indagações constituíram o eixo estruturante do trabalho investigativo, visando evitar a perda do foco de nossa reflexão no percurso de pesquisa.

Vale também ressaltar que a Escola Municipal Manoel de Cotias de Jesus, sendo uma instituição de ensino cuja missão precípua é a formação humana, por meio da qual se cruzam diferentes experiências, não pode estar alheia aos impactos provocados pelas novas tecnologias. Isso implica dizer que,

Se a escola não inclui a Internet na educação das novas gerações, ela está na contramão da história, alheia ao espírito do tempo e, criminosamente, produzindo exclusão social ou exclusão da cibercultura. Quando o professor convida o aprendiz a um site, ele não apenas lança mão da nova mídia para potencializar a aprendizagem de um conteúdo curricular, mas contribui pedagogicamente para a inclusão desse aprendiz na cibercultura (SILVA, 2005, p. 63).

Nesse sentido, essa pesquisa também dá visibilidade aos modos de formação desta geração denominada de nativos digitais, que necessita lidar com os acervos tecnológicos em seu processo educativo.

Assim, a professora e a equipe de gestão entendendo que a escola precisa contemplar em seu Projeto Político Pedagógico (PPP) a inclusão digital, acatam a necessidade de mudanças não só pedagógicas, mas também estruturais. Ou seja, a construção de um espaço físico que possa favorecer compartilhamentos para uma nova prática docente com o uso das tecnologias no processo educativo.

Embora a implantação do uso do aparato tecnológico tenha sido uma decisão política da Secretaria da Educação Municipal, é importante destacar que a escola “abraçou” essa ideia em favor de seus alunos.Segundo Guimarães e Dias (2006, p.23), “Um novo fazer educativo só será realidade se a tecnologia for incorporada de forma adequada ao contexto de nossas ações educativas”.

Cabe ainda destacar que apesar de ser um projeto que está dando seus primeiros passos na escola, já apresenta um avanço qualitativo do ponto de vista pedagógico e político, vez que está possibilitando o acesso da classe popular a novas tecnologias. Ou seja, essa ação política da Secretaria Municipal de Educação, de implantar no cotidiano das escolas da rede a inserção digital, sinaliza o seu compromisso em oferecer uma educação de qualidade em conformidade com o mundo atual, compreendendo o potencial tecnológico.

Por isso, as observações realizadas na pesquisa confirmaram que o uso dos *tablet*pelos alunos tem contribuído para a formação e aprendizado dos educandos nos seguintes aspectos: elemento motivador da aprendizagem; construção da autonomia; metodologia na relação professor-aluno-aluno-*tablet.*

Assim, é uma pesquisa de abordagem qualitativa na busca de melhor compreender como e quais aprendizados que os alunos adquirem ao utilizar estes artefatos. Ao tempo em que iremos refletir sobre as ações observadas em sala de aula, onde os alunos, a partir de diferentes mediações, fazem o uso do *tablet* para a realização de suas atividades, apresentaremos os efeitos dessa inclusão digital para os atores sociais da escola.

**2. CONTEXTUALIZAÇÃO**

O interesse pela pesquisa ocorreu quando soubemos que a Escola Municipal Manoel Cotias de Jesus recebeu *tablet* para serem utilizados na 1a série do Ensino Fundamental. A implantação dos dispositivos na escola faz parte do projeto da Secretaria Municipal de Educação do Município de Jequiá da Praia, AL, que os distribuiu para toda a sua rede na série inicial com o objetivo de efetivar um aprendizado mais eficiente por meio de aplicativos implantados nesses aparelhos digitais. A sala de aula é composta por dezessete alunos, todos na faixa etária de seis anos de idade. Os alunos vivem no próprio bairro e a maioria é filho de trabalhadores de uma usina de açúcar na região. A grande parte da renda familiar dos alunos é dependente de programas sociais implantados pelo governo federal.

Vale ainda dizer que outro fator decisivo na escolha desse objeto de estudo se deu pelo fato de a escola pertencer à rede pública de ensino, que geralmente é vista pela sociedade nos dias de hoje como escassa de investimentos e de materiais tecnológicos para a inclusão digital. Até porque, neste contexto de avanços tecnológico, tem se destacado a tecnologia digital, ou seja, os aparatos eletrônicos como o *tablet* que se caracteriza por sua mobilidade e interatividade, e por reunir várias funções em um único aparelho.

Leva (1999, p.22) afirma que “as tecnologias são produtos de uma sociedade e de uma cultura”. Assim, aponta para a necessidade de observar o que as tecnologias representam para as pessoas e também para a escola – *lócus* para o desenvolvimento de diferentes aprendizagens.

Do mesmo modo, Santos e Radtke (2005, p.332) afirmam que:

A realidade de uma instituição de ensino constitui-se de uma estrutura, uma organização de tempo, de espaço, de grade curricular, que, muitas vezes, dificulta o desenvolvimento de uma nova prática pedagógica. São amarras institucionais que refletem nas amarras pessoais. Não basta o(a) professor(a) querer mudar. É preciso alimentar a sua vontade de estar construindo algo novo, de estar compartilhando os momentos de dúvidas, questionamentos e incertezas, de estar encorajando o seu processo de reconstrução de uma nova prática. Uma prática reflexiva na qual a tecnologia possa ser utilizada a fim de reverter o processo educativo atual.

É neste contexto que a pesquisa procura compreender os desafios que os alunos, a professora, a equipe gestora e a própria coordenação da Semed têm enfrentado ao longo desse percurso, desde a implantação do projeto, no uso dos *tablet* como um dos mediadores do processo ensino-aprendizagem na alfabetização, procurando favorecer um ambiente de letramento digital significativo para os alunos.

Através de um diálogo com Papert sobre o impacto dos novos meios de comunicação, Paulo Freire faz a seguinte observação:

A minha questão não é acabar com escola, é mudá-la completamente, é radicalmente fazer que nasça dela um novo ser tão atual quanto à tecnologia. Eu continuo lutando no sentido de pôr a escola à altura do seu tempo. E pôr a escola à altura do seu tempo não é soterrá- lá, mas refazê-la. (FREIRE & PAPERT, 1996).

Neste sentido, Freire aponta para a necessidade de a escola ser mais sensível para as novas formas de aprender. Daí porque acreditamos que o uso das novas tecnologias pode qualificar o aprendizado dos alunos, tornando-o mais significativo. É preciso considerar essa nova realidade que se apresenta para o contexto educacional, a fim de evitar o que Paulo Freire denominou de “Educação bancária” Ou seja, é preciso romper com as metodologias que não observam e nem mesmo reconhecem o aluno como protagonista do seu aprendizado.

É preciso, então, compreender as potencialidades que as novas tecnologias da informação e comunicação (TICs) trazem para facilitar o desenvolvimento e as habilidades do aluno, potencializando o que ele traz para a escola. Não é possível negar o contato com as novas tecnologias no cotidiano. O papel da escola é planejar o uso na prática pedagógica para que os alunos se transformem em sujeitos da construção e reconstrução dos conteúdos ensinados, ao lado do professor – igualmente sujeito do processo.

**O *tablet* como instrumento motivador da aprendizagem**

O uso do *tablet* para fins pedagógicos hoje é mais do que uma realidade, é uma necessidade no cotidiano escolar. Porém, ganha dimensões maiores quando o olhar para o pedagógico com o uso das tecnologias necessita de uma reflexão profunda, devido aos desafios não só para os professores como também para os próprios alunos. Mas não se pode negar que o uso das ferramentas da tecnologia possibilita o desenvolvimento das habilidades cognitivas e motivacionais, bem como traz vantagens pedagógicas para o processo da alfabetização.

Nesse sentido, o foco da pesquisa foi compreender como o aspecto físico, a metodologia utilizada no uso dos *tablet*, a relação professor e aluno, o recurso disponível dos *tablet* e o lúdico motivaram os alunos a aprender de forma diferente das metodologias conservadoras, sem detrimento aos elementos convencionais de ensinar e aprender. Ou seja, como o uso do *tablet* pode favorecer o estabelecimento de um novo pensar e agir próprios para o uso dessas novas ferramentas pelos alunos. Afinal, não se pode desconsiderar que,

A presença das tecnologias digitais em nossa cultura contemporânea cria novas possibilidades de expressão e comunicação. Cada vez mais, elas fazem parte do nosso cotidiano e, assim como a tecnologia da escrita, também devem ser aprendidas. Atualmente, para que os alunos interajam nas aulas, é preciso falar a língua deles, a língua dos nativos digitais. A estratégia de distribuição dos tablet nas escolas públicas, primeiramente para os professores e futuramente para os alunos, é prova de que o governo brasileiro está atento às necessidades cada vez mais crescentes de atrair e manter os jovens na escola, bem como possibilitar a formação continuada dos professores a fim de melhorar a qualidade social e os índices da educação no país (ROJO 2012, p.37).

Tal compreensão ratifica o que pudemos verificar na entrevista realizada com os alunos da turma. Ou seja, a maioria apontou a motivação pelo uso dos *tablet* como fator principal para o desenvolvimento do aprendizado. Desta forma, a relação ensino-aprendizagem pareceu facilitada pela interação com o novo recurso em sala de aula. As próprias características físicas dos dispositivos também se apresentam estimuladoras, vez que possibilitam o uso de *tablet* sem fio e de um equipamento portátil, pequeno, leve e fino; a visualização de imagens bem mais próxima dos olhos; o toque com os dedos para conectar e desenvolver as atividades de forma mais espontânea, dando mais autonomia ao usuário; uma maior dinâmica às atividades, mesmo trabalhando em *off-line*; comando de voz, favorecendo ao aluno o prosseguimento da atividade ou retorno quando se trata de erro de percurso.

Além disso, a permanência dos alunos em sala, evitando o deslocamento para salas de informáticas, evita problemas de conflitos de agendamentos e acomodação. Mais ainda, o não deslocamento para outras salas permite que a turma não seja exposta à divisão para a realização das atividades. Para o professor, facilita a atenção ao conjunto de seus alunos, ainda que eles estejam realizando atividades diversas em seus *tablet*. Tal procedimento já implica uma nova dinâmica na relação professor-aluno em sala de aula. A proximidade com os professores para eventuais dúvidas foi o ponto importante para que o aluno não perdesse o foco do que estava realizando, bem como a continuidade motivacional pessoal.

Outro elemento motivador foi a possibilidade de socializar o aprendizado entre os alunos. Esse aspecto foi muito observado ao término da atividade quando os alunos falavam em voz alta “ganhei a estrela” criando nos colegas de sala um incentivo para conseguir realizar a atividade com êxito. Neste sentido, "o processo de ensino-aprendizagem inclui sempre aquele que aprende, aquele que ensina e a relação entre essas pessoas" (VYGOTSKY,1987, p.135)

A metodologia utilizada apontou para uma implicação da teoria sócio-histórico-cultural (VYGOTSKY, 1987) no processo de desenvolvimento do indivíduo em um ambiente de aprendizagem mediado pela tecnologia, no caso específico o uso do *tablet*. De acordo ainda com a perspectiva vigotskyana, a mudança ocorre ao longo do desenvolvimento do sujeito vinculada às interações que ocorrem entre ele e a sociedade, cultura e história de vida, além das oportunidades e situações de aprendizagem que promovem o desenvolvimento das “funções psicológicas superiores” (VYGOTSKY, 1987) através das várias representações pelo uso de diferentes instrumentos.

Segundo o depoimento da professora, o *tablet* trouxe empenho na realização das tarefas. Ou seja, os alunos estão mais concentrados, comprometidos, trabalhando no seu próprio ritmo, explorando e valorizando as aprendizagens. No dizer da professora, “os alunos tornaram-se mais colaboradores e co-autores de seu processo de aprendizagem”. Ainda de acordo com a observação da professora da turma, o uso do *tablet* levou à diminuição de ocorrências de faltas às aulas e a problemas indisciplinares. Com uma metodologia apropriada para o processo ensino aprendizagem, possibilitou uma nova relação entre professor e aluno.

Dessa forma, os *tablet* tornaram-se objetos mediadores, especialmente quando se trata de favorecer o aprendizado dos alunos, vez que estimula a curiosidade deles na busca de novas informações. Há aspectos físicos facilitadores neste sentido, considerando, conforme dito antes, que a tela dos *tablet* é sensível à pressão, o que dispensa a necessidade de outros periféricos, a exemplo do teclado. O próprio tamanho da tela que, por ser pequena, limita o campo da visão do aluno e, por isso, propicia um olhar mais fixo, permitindo a concentração durante as atividades. Os aplicativos dos *tablet*, quando bem concebidos, são mais atraentes porque, muitas vezes, o lugar na tela que uma criança toca é a mesma onde a ação acontece e onde o olhar deve ser dirigido.

A contribuição do lúdico no trabalho com a alfabetização faz parte do cotidiano dos professores em sala de aula, pois proporciona o desenvolvimento da criança e várias maneiras de levá-la a aprender de forma significativa. Embora o aplicativo instalado nos *tablet* esteja relacionado diretamente à atividade lúdica, o recurso oferecido pelo dispositivo também oferece disponibilidade para o acesso e realização de outras atividades propostas pelo aplicativo. Até por que,

Para que o professor possa utilizar os recursos tecnológicos presentes nas escolas é preciso que ele conheça as possibilidades educacionais destes recursos, uma vez que a sua disponibilidade não garante que ele será utilizado em benefício da educação. Esse fato aponta para uma necessidade de investir na formação e aperfeiçoamento do professor de forma continuada (LOVIS; FRANCO, 2013, p. 152).

Ao perguntar para os alunos a razão de eles terem interesse pelo *tablet*, o maior destaque foi justamente para o aspecto lúdico. O jogo no *tablet* forneceu informações a respeito da criança, suas emoções, a forma de interagir com seus colegas de sala, seu desempenho físico-motor e o próprio estágio de desenvolvimento.

**A construção da autonomia através dos *tablet***

No Brasil, muitas escolas já desfrutam de alguns aparatos que remetem a recursos tecnológicos para aprimorar o ensino e a aprendizagem, possibilitando inúmeros benefícios pedagógicos. Entre os benefícios oferecidos pelas tecnologias está o aspecto da autonomia para que os alunos possam desfrutar de forma racional e significativa do processo educativo.

O uso dos recursos dos tabletes dá autonomia para os alunos desenvolverem as suas atividades e, do mesmo modo, controlarem o seu próprio aprendizado.

Assim, acreditamos que:

Os recursos da informática não são o fim da aprendizagem, mas são meios que podem instigar novas metodologias que levem o aluno a “aprender a aprender” com interesse, com criatividade, com autonomia. O professor não pode se furtar de articular projetos de aprendizagem que envolva tecnologia, principalmente quando ela já está disponível nas instituições de ensino (BEHRENS, 2002, p. 104).

Foi com essa concepção que a professora – sujeito da pesquisa – introduziu o uso da tecnologia em sua prática pedagógica. Ao iniciar o uso dos tabletes nas aulas, sua intenção foi a de provocar novas metodologias e, por conseqüência, novos modos de aprender, compreendendo que os alunos nessa faixa etária, sobretudo em processo de alfabetização, necessitam de aulas que agucem a sua curiosidade e a sua relação com o universo da leitura e da escrita.

Para tanto, a professora também realizou um diagnóstico para identificar a relação que seus alunos já possuíam com os aparelhos. Após esse diagnóstico é que ela estabeleceu seus objetivos em relação às atividades que seriam propostas ao longo do ano. O mapeamento diagnóstico revelou que os alunos, em geral, nunca tiveram qualquer tipo de contato físico com aquele tipo específico de aparelho. Apesar de estarem imersos num universo de tecnologias digitais, o uso do t*ablet* era uma novidade para eles. Mas o que reforça o fato de serem considerados “nativos digitais” é que, apesar de nunca terem manipulado um *tablet*, os alunos não se intimidaram para lidar com o aparelho. Ao contrário, demonstrando autonomia e habilidade para descobrirem inúmeras e variadas formas de interagir com os seus aplicativos virtuais.

A denominação de “nativos digitais”, segundo o pesquisador e educador Marc Prensky (2001), é dada àqueles que possuem hábitos de acessar as tecnologias, seja por jogos de celulares ou de outras tecnologias antes mesmo de chegar à escola. Essa explicação confirma, então, a atitude autônoma dos alunos da professora Maria Feliciana (da escola pesquisada) para lidar com os *tablet*, mesmo que eles não possuíssem qualquer contato físico anterior, o que se torna relevante quando se leva em conta a experiência deles com outros tipos de aparelhos tecnológicos no seu cotidiano, a exemplo dos aparelhos celulares e computadores.

Nas observações em sala, percebemos que os alunos, durante o uso do *tablet*, sinalizavam algum tipo de experiência que se assemelhava à familiaridade com aplicativos de jogos nos aparelhos celulares. Ao perguntar aos alunos se eles tiveram alguma dificuldade em utilizar o *tablet* para realizar a atividade (jogo), responderam que era semelhante ao uso de jogos dos celulares.

Freire (2000) diz que é preciso desenvolver em sala de aula uma pedagogia da autonomia. Até porque uma pedagogia voltada para a autonomia não deixa de estar “fundada na ética, no respeito à igualdade e à própria autonomia do educando” (FREIRE, 2006, p.11). A educação para a autonomia se constrói a partir das decisões, da vivência e da própria liberdade, que deve ser conquistada pelo aluno e promovida pelos professores no ambiente de sala de aula, inclusive quando se utiliza os *tablet*. Ou seja, revigora o “ato da liberdade” como uma forma de aprender no dia a dia escolar.

E isso foi demonstrado através de vários gestos dos alunos para lidar com os aparelhos. Essas atitudes dos alunos se ampliam com o tempo e faz com que, a cada dia, seja construída uma autonomia nos modos de agir e de pensar sobre o seu próprio aprendizado. Por exemplo, pudemos notar durante as observações em sala de aula, a postura de uma das alunas da sala que, quando solicitada pela professora a realizar uma determinada tarefa, não apresentou quaisquer dificuldades para ligar, acessar, resolver as atividades e desligar o aparelho. Pelo contrário, parecia fazê-lo com satisfação e, de certo modo, com orgulho por poder estar “se resolvendo” sozinha, o que lhe dava um *status* do “saber fazer”, um dos pilares que deve sustentar o sujeito da aprendizagem.

Nesta perspectiva, ao perguntar à outra aluna se ela utilizava o *tablet* fora da escola, sua resposta foi enfática “Não! Meu irmão tem, mas ele não deixa eu usar. Aqui, a professora deixa brincar com o *tablet*”.

A liberdade para o uso dos *tablet* reflete no respeito à própria liberdade para aprender. Outro exemplo de liberdade em aprender através das tecnologias pode ser dado a partir da fala de um dos alunos da turma que, mediante seu impasse em prosseguir sobre o caminho que deveria utilizar para acessar uma determinada atividade, disse: “eu acho que posso ir por aqui”. Sugeri, então, que ele chamasse a professora. No entanto, logo me advertiu “não precisa! Já sei, eu vou fazer assim”. E foi com base na sua liberdade que o aluno tomou sua própria decisão, arriscando-se, inclusive, a errar. Mas isso não parece ter lhe provocado nenhum medo

A partir das questões acima expostas, podemos dizer que há quatro fatores que devem ser considerados na prática pedagógica dos professores quando da utilização de *tablet* em sala de aula com o intuito de favorecer o aprendizado significativo do aluno:

1. Diagnosticar os alunos a partir da sua realidade, mesmo que os reconhecendo como “nativos digitais”;

2. Proporcionar a autonomia para lidar com os tabletes;

3. Potencializar o ato de liberdade, possibilitando a descoberta de diferentes caminhos para a realização das atividades;

4. Focar em metodologias que favoreçam as tomadas de decisão dos próprios alunos.

Não por acaso, nós professores temos uma importante missão: formar alunos autônomos, com capacidade de usar seu senso crítico para contribuir de modo positivo e construtivo dentro da sociedade em que vivem. Mas para promover essa “educação autônoma”, é preciso que o professor também pleiteie e desenvolva sua autonomia em sala de aula. Portanto, o desafio do papel do professor, dentre tantos outros, é o de favorecer a construção da autonomia do aluno, disponibilizando várias situações pedagógicas que estejam em sincronia com a realidade do aluno.

Cabe à professora pensar pedagogicamente esse processo, levando em conta os alunos como parte integrante do processo, como afirma Moran:

Alguns alunos não aceitam facilmente essa mudança na forma de ensinar e de aprender. Estão acostumados a receber tudo pronto do professor e esperam que o professor continue dando aula, como sinônimo de ele falar e os alunos escutarem (MORAN, 2000, p.54).

Daí porque é preciso uma mudança radical no sentido de o próprio professor ter segurança de que a tecnologia em sala de aula tem objetivo de dar voz aos alunos que, até então, se mantinham na invisibilidade, devido à forma conservadora de ensinar na escola. Mais do que transmitir conteúdos, os professores devem estar convictos de que é precisar formar uma geração de leitores e escritores críticos e reflexivos – cidadãos conscientes de seu papel nesta sociedade contemporânea.

**Considerações finais**

Pelas questões apresentadas constatamos que, na perspectiva do aprendizado, a relação/interação da criança com o *tablet* em sala de aula, cuja metodologia se revela mais dinâmica para ampliar, inclusive, o universo cultural do aluno, permite desenvolver suas habilidades de compreensão. Ou seja, o uso das tecnologias deve ir além do propósito de mero consumo, sobretudo para esta nova geração de nativos digitais.

Na verdade, ao trazer a tecnologia para dentro da sala de aula, especialmente com as crianças em processo de alfabetização, é uma forma de criar vínculos mais efetivos e producentespara o processo de ensino- aprendizagem. Afinal, não há como negar que a internet, com as suas respectivas ferramentas e recursos, está possibilitando que esta geração tenha maior contato com a escrita e, ao mesmo tempo, sinta-se mais motivada para uma escrita e leitura mais espontânea e criativa com diferentes interlocutores, especialmente pelo apoio dos artefatos tecnológicos e suas possibilidades de uso, o que se constitui como um novo gênero discursivo.

No decorrer da pesquisa constatamos que o *tablet* é um instrumento motivador da aprendizagem não só para os alunos como também para os professores e toda a equipe gestora da escola. A experiência dos alunos da zona rural com essa ferramenta tem proporcionado avanços significativos como responsabilidade com o equipamento e cumprimento das atividades propostas. Assim, percebe-se o avanço do alunado em interpretar letras e sinais que se encontram nas lições.

Enfatizamos o resultado de alguns questionamentos citados no início da pesquisa. A Escola Municipal Manoel Cotias de Jesus, em Jequiá da Praia, enfrentou alguns desafios com o uso do *tablet* em sala de aula no período inicial do projeto. Alguns professores ficaram receosos com a implantação como suporte pedagógico. Vale ressaltar que não houve resistência dos professores em relação à proposta de trabalho com essa nova ferramenta.

Acreditamos que este trabalho torna-se importante por abordar essas questões referentes à utilização do *tablet* como possibilidade pedagógica, justamente com a finalidade de ampliar a visão de professores para o trabalho em sala de aula, pois com essa prática de ensino alcançarão resultados mais significativos.

Desse modo, pelo que foi possível observar, os alunos mostraram-se envolvidos e motivados em suas atividades pedagógicas em sala de aula. Apresentaram interações significativas entre os pares e também com a professora. As reflexões realizadas a partir desse trabalho serviram como aprendizado para futuramente exercermos nossa docência e buscarmos sempre ferramentas alternativas que agreguem valor à metodologia de ensino.

No desenvolvimento da proposta com o uso do *tablet*, os alunos demonstraram interesse pelo uso do artefato, que precisa ser valorizada e direcionada para proposta pedagógica. Ou seja, metodologias, com apoio de recursos pedagógicos, que instiguem os alunos em suas diferentes potencialidades. O professor tem um papel fundamental nesse processo enquanto mediador e motivador constante na relação entre os alunos e os aparatos, para que uso das tecnologias não seja apenas uma tendência nas escolas, mas que possa apresentar, expressivamente, um aprendizado significativo para o desenvolvimento dos alunos.

No que refere ao uso das TICs em sala de aula, ainda é preciso superar diferenças geracionais. Em alguns depoimentos, fica evidente a necessidade de mudanças de postura dos professores em relação à aquisição e a circulação da informação e do conhecimento na atualidade. O uso dos *tablets* pelos professores é uma nova maneira de compreender como eles podem auxiliar no compartilhamento e construção de conhecimento, sendo assim, com base nos estatutos teóricos, defendemos a necessidade de aprimoramento das relações interativas, com o uso de tecnologias móveis como o *tablet* na escola e no cotidiano das pessoas.

**REFERÊNCIAS**

FREIRE, Paulo e PAPERT, Seymour. **Diálogos impertinentes**: O futuro da escola. São Paulo: TV PUC, 1996. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v+bejbawuebgs>>. Acesso em: 16 set. 2015.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. Saberes necessários à prática educativa. 33ª ed. São Paulo: Paz e Terra, 2006.

\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_\_. **Professora sim, tia não**: cartas a quem ousa ensinar. 9.ed. São Paulo: Olho d’Água, 1998.

GUIMARÃES, A. M.; DIAS, R. Ambientes de aprendizagem: reengenharia da sala de aula**.** In: COSCARELLI, C. V. (Org.). **Novas tecnologias, novos textos, novas formas de pensar.** Belo Horizonte: Autêntica, 2006. p. 23-42.

KENSKY, Vani Moreira. **Educação e tecnologias**: o novo ritmo da informação. Campinas, SP: Papirus, 2007.

LEVY, Pierre. **Cibercultura**. São Paulo: Ed. 34, 1999.

LOVIS, K. A.; FRANCO, V. S. Reflexões sobre o uso do GeoGebra e o ensino de Geometria Euclidiana. **Informática na Educação: teoria e prática**, Porto Alegre, v. 16, n. 1, p. 149-160, jan./jun. 2013.

MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T. BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas Tecnologias e Mediação Pedagógica**. 5ª ed.Campinas, SP: Papirus, 2002.

MOURA, Adelina. **Geração móvel**: Um ambiente de aprendizagem suportado por tecnologias móveis para a “Geração Polegar”. Universidade do Minho, repositório Um. 2009. P. 50-51. Disponível em:**<**<http://repositorium.sdum.uminho.pt/bitstream/1822/10056/1/Moura%2520(2009)%2520Challenges.pdf>>. Acesso em: 12 fev. 2016.

PAPERT, Seymour. **A máquina das crianças**: repensando a escola na era da informática; trad. Sandra Costa. – Porto alegre: Artes Médicas, 1994.

PENTEADO, M. G. **Novos atores, novos cenários**: discutindo a inserção do computador na profissão docente. In: BICUDO, M. A. V. (Org.) *Pesquisa em Educação Matemática*. São Paulo: Editora UNESP, 1999

PRENSKY, Marc. **Nativos Digitais, Imigrantes Digitais**. De On the Horizon (NCB University Press, Vol. 9 No. 5. Disponível em:<http://www.pucrs.br/edipucrs/online/autonomia/autonomia/capitulo4.html>. Acesso em: 21 jan. 2016

ROJO, Roxane. Pedagogia dos multiletramentos: diversidade cultural e de linguagens na escola. In: ROJO, Roxane; Moura, Eduardo (Orgs.). **Multiletramentos na escola**. São Paulo: Parábola, 2012. p. 11-31.

SANTOS, B.S.; RADTKE, M.L. **Inclusão digital**: reflexões sobre a formação docente. In: PELLANDRA, N. M.C., SCHLUNZEN, E. T. M.; JUNIOR, KLAUSS S. (Orgs.). Inclusão digital: tecendo redes afetivas / cognitivas. Rio de Janeiro: DP&A, 2005.

SILVA, M. **Internet na escola e inclusão.** In: ALMEIDA, M. E. B.; MORAN, J. M. (Orgs.). **Integração das Tecnologias na Educação.** p. 63-68. Disponível em:http://www.eproinfo.mec.gov.br/upload/ReposProf/Tur87460/img\_upload/Integracao\_das\_tecnologias\_Capitulo\_2.pdf. Acesso em: 21 jan. 2016

VIGOTSKY, L.S. **A formação social da mente**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora Ltda, 1998.